



Questionar esta evolução

Um regresso não pressupõe um desaparecimento total. É claro que sempre houve e provavelmente haverá gente a trabalhar nesta direcção, mas, na sociedade do espectáculo, desaparecer é não estar nos palcos centrais, e esse desaparecimento deu-se. Deu-se ao longo de parte dos anos 1980 e da quase totalidade da década de 1990.

Depois da AgitProp dos anos 1920, depois de Brecht, Artaud e do Living Theater, na viragem da década "hippie" de 1970 para a década "yuppie" de 1980 surge o buraco negro para onde se escoaram todos os fervores contestatários do Ocidente e que parece ter sugado também o teatro enquanto arma de arremesso contra um poder instituído. É neste território que se abre espaço para a exploração de novas formas. E é também aqui que nasce uma nova dança europeia, rapidamente uma voz central dos novos discursos artísticos.

"Se o Maio de 68 foi a expressão explosiva do aborrecimento profundo com a sociedade de bem estar, o capitalismo soube recuperar a energia criativa das novas gerações ao criar um novo discurso de gestão e de consumo", escreve Mark Deputter. Mas é também ele que depois há-de dizer-nos em que é que isso culminou: "Na direcção do consumismo da arte para as massas, numa arte fácil."

"Na nossa sociedade há cada vez menos vozes discordantes", diz-nos, "evoluímos, a nível global, para uma visão única de como o mundo deve ser organizado." Tem a ver com o desaparecimento das ideologias: "O capitalismo é o sistema. Já não há sistemas alternativos, como existiram durante 80 anos [os 80 anos da cortina de ferro], só que esta visão única do mundo tem imensos problemas, problemas como a imigração, como o facto



"Na nossa sociedade há cada vez menos vozes discordantes" **Mark Deputter**



Em "Dinozord" o congolês Faustin Linyekula recupera as estratégias dos contadores de histórias tradicionais africanos

de o nosso planeta já não estar a conseguir aguentar, como o fosso cada vez maior entre ricos e pobres."

Voltou a existir, diz Deputter, uma enorme necessidade de colocar perguntas, de criticar: "Precisamos de questionar esta evolução."

Podíamos contra-argumentar que essa necessidade vem do lado de lá da barricada - os efeitos de um discurso pós-colonialista, uma capa sob a qual o Ocidente esconde o deslumbramento da descoberta exótica do outro. Mas não é verdade. Já não é assim quando o outro está aqui, quando o outro começa cada vez mais a sermos nós, quando o outro, agora, somos todos.

Num momento em que a imigração se perfila como a salvação da economia da maioria dos países da Europa, quando sabemos que as novas gerações de imigrantes são (ou deviam ser vistas) como europeus (ou americanos, ou...) de pleno direito, quando a China, o Brasil e a Índia se perfilam como as grandes potências de um futuro próximo, o fim da centralidade dos discursos da Europa e Estados Unidos parece uma realidade, mais que uma hipótese.

"Vamos ter que aprender a viver como uma das regiões do mundo, uma região como as outras", diz Deputter. "Não é fácil. Foram 500 anos a viver assim. Mas as nossas sociedades são cada vez mais crioulas."

Os guetos estão a abrir-se, diz Deputter. O Alcantara está a começar.

"Bonanza", em baixo, retrato de uma cidade mineira abandonada

